

O CORAÇÃO EM OUTRA AMÉRICA E SUAS MÚLTIPLAS QUESTÕES

Laís Gerotto de Freitas Valentim
Universidade Presbiteriana Mackenzie
(laisgfvalentim@yahoo.com.br)

Laís Gerotto de Freitas Valentim

Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), foi bolsista, nesse período, CAPES/PROEX. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UPM (2016). É graduada em Letras - Português/inglês habilitação Tradutor/Intérprete pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo - Unidade Brigadeiro (2013). Atuou como tradutora e revisora freelancer (português, inglês e italiano) e deu aulas particulares de português, inglês e literatura de 2010 a 2016. Foi membro do grupo de Pesquisa: Literatura no Contexto Pós-moderno, ficção brasileira no século XXI e é membro dos grupos de pesquisa: Linguagem, identidade e sociedade: estudos sobre a mídia e Fantástico e mitologismo: presença e limites na literatura latino-americana contemporânea, todos da UPM. Atualmente, é pesquisadora voluntária do grupo de pesquisa "Mulheres protestantes: trajetórias no contexto educacional brasileiro", coordenado pela professora Isabel Orestes Silveira e financiado pelo MackPesquisa, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com bolsa para os demais pesquisadores do grupo, que não são voluntários.



<http://lattes.cnpq.br/7500993138637726>



<https://orcid.org/0000-0002-4708-3128>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-5	e022006	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	-----	---------	------

GONÇALVES, Evanilton. *O coração em outra América*. 1ª edição. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café. ParaLeLo13S, 2021.

Evanilton Gonçalves nasceu em 30 de julho de 1986, em Salvador, Bahia, onde reside, e é um escritor brasileiro. É graduado em Letras Vernáculas pela UFBA e Mestre em Língua e Cultura pela mesma instituição. Participou, como escritor convidado, de diversos eventos nacionais e internacionais, a exemplo da 4ª edição do ciclo Páginas Anônimas – A literatura que o Brasil faz e você desconhece - Prosa, programação da FLIP 2017. Já teve contos publicados nas revistas *Subversa*, *Desenredos*, no jornal literário *RelevO* e na Revista alemã *Alba*. Publicou crônicas na revista *Parênteses*¹, na 1ª edição da revista *Laroyê*² e publica regularmente crônicas no jornal *A Tarde*³. Editou, junto com o poeta Ricardo Aleixo, a revista de literatura *Organismo* nº 8. Também possui contos publicados em diversas antologias: *Fora Tema*, organizada pelo Coletivo Tear (Severina Catadora, 2016), *Ancestralidades: Escritores negros* (Venas Abiertas, 2019) e *Ir também é ficar* (Penalux, 2020), *Histórias da Pandemia* (Alameda, 2020). Integra a plataforma *Oxe: Portal da literatura baiana contemporânea*. Publicou o livro de prosa curta *Pensamentos supérfluos: coisas que desaprendi com o mundo* (Paralelo13S, 2017) e o romance *O coração em outra América* (Paralelo13S, 2021).

A obra *O coração em outra América* (2021) teve o apoio financeiro do Estado da Bahia por meio da secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal. Publicada no ano de 2021, foi escrita entre os anos de 2017 e 2020, após uma viagem do autor ao México, em 2017, por conta do evento Sarau da cor, no qual foi um dos participantes e quando entrou em contato, pela primeira vez, com o México e sua cultura.

O livro de Evanilton Gonçalves mostra ao leitor a boa narrativa do escritor: madura, atenta aos detalhes, trazendo um relato intimista em que a personagem principal compartilha suas experiências vividas em um país estrangeiro. Começando pela narração, que é em primeira pessoa, vemos uma personagem com aprofundamento psicológico conforme podemos ver no seguinte excerto: “As imagens começaram a se dissolver na confusão de pensamentos. Fiquei em silêncio. Naquele momento, uma tristeza queria me dominar, mas o esboço de algo novo começou a se formar em mim,...”. (GONÇALVES, 2021, p. 12)

O narrador conta as suas experiências em solo mexicano, onde se depara com semelhanças e diferenças entre as culturas brasileira e mexicana; são algumas das semelhanças narradas no livro, que apontamos: homens com os mesmos comportamentos machistas no Brasil e no México, os estrangeiros deparam-se com as mais diversas dificuldades como o uso

¹ Site: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/cronica/repito-nao-as-matem/>

² Site: http://www.laroye.com.br/bahia/revista-impressa/#dearflip-df_70/34/

³ Site: <https://atarde.uol.com.br/buscas?tag=cronica&canal=62>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-5	e022006	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	-----	---------	------

da língua (água mineral para nós é água natural para eles e água gasosa para nós é água mineral para eles), é um país grande, acolhedor e com pessoas incríveis – sorridentes, simpáticas, sendo a maioria disposta a acolher quem vem de fora.

Ainda, também, temos os relatos do narrador dos aspectos mais simples como divergentes: a exemplo dos diferentes costumes deles como usar chapéu mexicano e vestir-se com roupas diferentes das nossas, o costume de celebrar, por exemplo, *El día de los Muertos* causa um estranhamento para nós brasileiros, pois eles fazem uma festa regada à comida e à bebida e as crianças podem vestir-se em homenagem aos entes queridos que se foram; sendo que, no Brasil, o máximo que fazemos é irmos à Igreja rezar por aqueles que se foram; há quem tenha aqui o costume de visitar cemitérios e deixar uma rosa como uma forma de prestar uma singela homenagem. Vejamos o trecho em que o narrador fala sobre a celebração do Dia de finados lá:

Cheguei no final de novembro. Se chego no início, poderia pegar os festejos do *Día de los Muertos*, foi o que me contou uma voz saída de um vídeo do YouTube: quando casas, ruas e cemitérios são decorados, crianças e adultos se fantasiam e homenageiam a memória de seus parentes. Para receber as almas dos entes queridos, erguem altares com retratos dos seus mortos cercados por velas, flores, caveiras e outras coisas mais. Guardei essas informações e agora pensava que a maneira como cada pessoa enxerga a morte, do silêncio da saudade ao festejo do reencontro, parece revelar a forma como se percebe a própria vida. (GONÇALVES, 2021, p. 33)

Existe uma relação de amizade entre o narrador e uma vendedora de loja de celular - denominada “amiga mexicana” - assim, sem nome, para nos atermos mais às suas ações, ao seu jeito de ser e aos seus comportamentos -, eles se encontram frequentemente. Ela é um espectro da cabeça do narrador e, ao mesmo tempo em que essa relação se estreita, existe uma “tensão”/um “choque de culturas”:

Depois de perambular pelas ruas a tarde inteira, tive vontade de enviar uma mensagem ou ligar para a minha amiga e dizer o quanto a indicação dela tinha sido valiosa. Queria que estivesse perto de mim, para conversar sobre a grandiosidade da biblioteca, o seu acervo e a minha vontade de não sair do refúgio agradável. O mundo não se resumia à pretensão dos meus quereres. (GONÇALVES, 2021, p. 116)

O fato de o narrador ser um turista em um país parecido em certos aspectos com o Brasil faz a personagem e o próprio leitor refletirem sobre que país é o nosso, por exemplo: Quais as reflexões que podemos tirar dessa experiência que é estar em um país estrangeiro, com uma cultura semelhante à nossa, porém com costumes diferentes?; Esse contato faz de nós, brasileiros, cidadãos latino-americanos orgulhosos do nosso continente, da nossa pátria? E, por

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-5	e022006	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	-----	---------	------

fim, isso faz com que nos sintamos estranhos em terras latino-americanas por termos a nossa identidade “desconhecida”?

O fato de ele estar a maior parte do tempo em isolamento (podemos intuir aqui a pandemia, mas ele ficava sozinho na maior parte do tempo) faz refletir sobre que condições vivem os povos latino-americanos devido à grande desigualdade social que existe aqui no continente, além de fazer do narrador uma pessoa observadora da vida, do mundo, do seu continente e, principalmente, do Brasil.

Ainda sobre a questão do isolamento: a Pandemia, no livro, é uma questão secundária, porque não fica evidente isso no livro; mas ele cita o uso de máscaras, que poderiam dizer que são usadas em um tipo de luta no México: “As máscaras coloridas estão estendidas pelas barracas. A movimentação é grande. ... É um esporte muito importante. Os lutadores são amados pelas pessoas. ...” (GONÇALVES, 2021, p. 124), mas, mesmo assim, o fato de vivermos no mundo uma pandemia desde 2020 nos faz refletir sobre assuntos do cotidiano como as milhares de vidas que foram perdidas durante esse período e poderiam ter sido salvas; além da desconfiança de alguns com relação à Ciência e às vacinas, pois aqueles que desconfiam perguntam se vacinas realmente salvam. É algo para refletirmos – como lidar com isolamento, pandemia e pessoas que não confiam na Ciência.

Na hora de o narrador partir, fica uma saudade nele com relação ao que viveu, porque, no México, teve grandes experiências com os seus colegas e amigos, ele torna-se uma pessoa mais sensibilizada, a humildade, a humanidade e a troca de experiências que teve com as pessoas ficarão para sempre na sua memória, pois não imaginava ter uma vivência como essa. O narrador é uma espécie de ruptura dos padrões; aquele que, em terras estrangeiras, quer aprender ao máximo da cultura local sem se esquecer de quem é e de onde veio.

A divisão de capítulos não é numerada e esses são curtos, dando mais dinâmica à leitura. As referências utilizadas por Evanilton Gonçalves como Mario Benedetti, Jiro Taniguchi, Frida Kahlo, Miró da Muribeca, este último como vemos no exemplo: “ouvi Miró da Muribeca declamar sua poesia na rua quando eu estava deitada na maca do SAMU ao lado de Danúbia” (GONÇALVES, 2021, p. 61) e Moacir Santos, maestro que é apresentado ao narrador por meio de Danúbia, mostram o repertório do autor com uma narrativa que permite fazer esse vínculo autor-leitor sem se desconectar da narrativa; utilizando uma linguagem fácil, acessível, mas que faz do enredo muito bem escrito, bem conduzido e prazeroso. Houve poucas personagens na obra e, por ser uma narrativa mais intimista, centrada no EU, a sensação que temos é que a leitura foi bem aproveitada e adentramos no mundo interior do narrador, acompanhando as suas angústias, sensações de felicidade e questionamentos, ou seja, estamos imersos em seus pensamentos.

Efraín, personagem que divide com o narrador a voz do texto, é um porteiro. Podemos, então, perceber a dicotomia entre o narrador, que é um revisor de textos, e Efraín, em que as diferenças de classe sociais ficam evidentes, assim como as diferenças culturais. Mais uma vez, retornamos às questões iniciais entre as semelhanças e diferenças, mas não só entre os países, como também entre as classes. O narrador questiona a si mesmo nessas horas: sua origem, seu corpo, quem é.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-5	e022006	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	-----	---------	------

Afinal, o que é ser estrangeiro em um país? Existe uma “fuga” por parte do narrador da realidade brasileira para a mexicana, porém, como já dissemos, algumas coisas não mudam de um lugar para outro como a presença de questões raciais, culturais (sempre há algo a ser aprendido, mas sempre há algo a ser debatido), sociais e de gênero (machismo presente em muitos momentos); além da dificuldade em se comunicar, pois, por mais que o espanhol seja uma língua semelhante ao português devido à mesma familiaridade (ambas são línguas latinas), é uma língua diferente da nossa.

Como tendências da literatura latino-americana contemporânea, temos neste livro uma obra intimista, voltada para o EU conforme dito anteriormente; a presença do engajamento social do autor em que ele denuncia os muitos problemas da sociedade em que vivemos, a exemplo da desigualdade social e do olhar de compaixão para o outro; a intertextualidade, pois existe a citação de artistas e intelectuais como os já citados Frida Kahlo, Mario Benedetti e Jiro Taniguchi; abordagem de temas cotidianos, a exemplo da pandemia: existe algo mais atual e que está presente no nosso dia a dia do que o enfrentamento a esse vírus desde 2020, que vitimou milhares de pessoas ao redor do mundo, deixou outras tantas adoentadas e colocou a ciência em alerta, além de termos tido novamente a prova de que vacinas, realmente, salvam vidas?

Sonhos, mistérios, angústias, experiências vividas são algumas das sensações experimentadas pelo narrador e que podemos dizer de alguma forma essa estada dele no México serviu de aprendizado e mais, reflexão:

Apesar de tudo, de tudo mesmo, estou aqui, paralisado pelo frio, olhando a rua pelo vidro. Vivo aqui um caso de emergência, um desejo inevitável por respirar, descobrir, escrever. O tempo devora meu sonho. A sirene alta da ambulância me assusta, mas talvez seja você vindo em minha direção para constatar que vou sendo como posso. Não há veneno em meus lábios: trago em mim, apenas, a confusão do mundo. (GONÇALVES, 2021, p. 177).

O autor do livro, Evanilton Gonçalves, dialoga, de certa forma, com o leitor por meio da sua obra, fazendo com que ela seja atual e, ao mesmo tempo, tenha um olhar voltado para questões do passado.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-5	e022006	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	-----	---------	------